

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção e administração: Calçada do Combro, 33-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Tathaba - Lisboa - Telefone: 2
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

IMUNDICIE

Aquele ruído escandaloso que anteontem se desenrolou na câmara dos deputados a propósito de escuros negócios de subsistências, em que, segundo as hesitantes declarações do presidente da comissão parlamentar de inquérito, estão envolvidos alguns componentes da mesma câmara, é uma destas coisas que define bem a moral de certos patriotas que quando o operariado reclama, levado pelas duras necessidades da vida, uma fatia de pão, não trepidam em classificá-lo de exigente e até de elemento nocivo à república, à ordem e às batatas.

Já sabemos que os excelsos varões não possuem autoridade moral para se manifestarem de tal modo contra quem legitimamente reclama, porque enquanto os operários pediam, talhavam eles próprios a fatia, atribuindo-se um respeitável aumento no subsídio pela fácil tarefa de parolar, tarefa que, não fazendo calos na garganta, muito menos os faz nas mãos dos sujeitos, nem sempre limpas, ao que se está vendo.

Sucede, porém, que as desintencionalizadas criaturas — e alguma das atingidas são das de maior polpa no papagaio — não contentes em se arbitrarem honorários assas elevados, entram, segundo o referido presidente da comissão parlamentar de inquérito, em negócios duvidosos, defraudando, ao que parece, os dinheiros públicos ou, pelo menos — e neste caso terão que ser julgados como coniventes — contribuindo com a sua influência de pais da pátria ou de políticos categorizados para que defraudadas fossem as públicas e arruinadas finanças por personagens que ao ladravam com a consciência tranqüila.

Nem ou noutro caso, isto é, provada que seja a participação dos primeiros na ruim acção, as suas responsabilidades são tremedadas, não havendo artifícios de linguagem que possam atenuar-lhes o dolo.

Se não forem julgados como autores deverão responder como cúmplices, a não se dar o caso, que não seria esporádico, de, para prestígio das instituições, em

Nos trabalhadores de Lisboa

A manifestação do 1.º de Maio

Serve a data do Primeiro de Maio a afirmar o grau de consciência que de ano para ano vai adquirindo a classe operária.

Semelhante demonstração tem a sua primeira e mais expressiva eloquência no espontâneo abandono das fábricas, oficinas e ateliers neste dia, dia que os trabalhadores internacionais, num pacto imperceptível, escolheram para provar ao mundo capitalista que quando o bravo dos que produzem para, falta à sociedade o elemento vital que a anima, e que assim como o corpo humano deixa de viver quando o sangue não executa nos seus órgãos o habitual ciclo, assim essa sociedade se anularia se os trabalhadores lhe não dessem a seiva fecunda, representada pela sua actividade criadora.

O proletariado de Lisboa, que se não foi dos primeiros a interpretar com justiça o verdadeiro significado do Primeiro de Maio, tanto bem não foi dos últimos a compreender-se de que representa, para as suas aspirações de justiça, esta data, vai certamente mostrar, uma vez mais, que não há ameaças, que não há violências, que não há perseguições que o detenham na sua marcha ascensional para um futuro em que a equidade não seja apenas uma palavra, como o é no momento presente, momento em que os detentores da terra e dos instrumentos de trabalho, confundidos com os governantes nos mesmos sentimentos de repressão, pretendem, a golpes de força, num esforço desesperado, opor-se à onda de renovação que convulsiona o mundo, a fim de poderem continuar a dominar e a esmagar.

TRABALHADORES:

Estamos chegados a uma época em que os actos sobrepõem as palavras. E como os exemplos é que valem, a União dos Sindicatos Operários espera que o proletariado desta cidade, ao passar este Primeiro de Maio, afirme o seu espírito revolucionário abandonando o trabalho e participando do comício que promove no Parque Eduardo VII.

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, de acordo com a C. G. T. e as Federações de Indústria, convida o proletariado de Lisboa a abandonar amanhã o trabalho e a assistir ao comício que promove nos terrenos do Parque Eduardo VII, pelas 15 horas, no qual usará da palavra vários delegados sindicais.

Ao comício, pois, operários!

Lisboa, 30 de Abril de 1920.

Terreno a desbravar

Houve um tempo em que, mercê duma propaganda falsa, o dia 1.º de Maio se comemorava em Portugal com cortejos mais ou menos luzidos, que geralmente tinham carros alegóricos e música, havendo também visitas aos cemitérios, pic-nics, muitos foguetes e até touradas para alguns coisa terem de bárbaro tais diversões.

Depois, porém, que a propaganda do sindicalismo revolucionário começou a fazer-se sentir no país, deixaram de presenciar-se, nos principais centros industriais, semelhantes espectáculos, e tam infelizes manifestações se associavam a burguesia, que quando não figurava nos respectivos elencos, não se esquivava todavia de assistir à passagem dos cortejos, bem segura de que perigo algum lhe advinha daí. E não se enganava.

Hoje, ao contrário, a burguesia encara com um justificado sentimento de adversidade as manifestações que no 1.º de Maio efectua a organização dos trabalhadores, pela simples razão destes terem impresso a tais manifestações o carácter revolucionário e consciente que lhes é próprio, e assim é que em vez de assistir agora à passagem da multidão operária, fecha-se em casa, ordenando à tropa que vigie de perto os movimentos da massa, pronta a cair sobre esta ao primeiro sintoma de rebeldia.

Significa este receio da burguesia que ela tem a consciência de que a sua acção não é exercida de modo a despertar as simpatias dos que trabalham, mas antes a mais fúndia aversão e por que ela sabe que são assas justificados os seus receios, põe-se em guarda, no desejo de evitar a explosão dos que estão sob o seu domínio.

Mas grande nosso, há porém, ainda localidades onde o 1.º de Maio é recebido com morteiros, não faltando também no programa o sedício cortejo, com os concomitantes discursos, e, por vezes, missa a grande instrumental e sermão pelo cura da terra. Sucede isto naqueles pontos da província onde não pôde levar-se ainda a sementeira dos bons princípios, ignorando o respectivo operariado o que representa para a classe trabalhadora o dia 1.º de Maio, dia não de festa, mas de afirmações revolucionárias.

Aqui bem perto de Lisboa, na cidade de Santarém, verifica-se semelhante anomalia, sendo para lamentar que a boa propaganda ainda não tenha chegado a esse meio, dos mais refractários ao movimento sindicalista. Lá temos no corrente ano o tradicional cortejo e, se continuarmos a manifestar-se o mesmo desinteresse até aqui verificado, assistiremos possivelmente, durante muitos anos ainda, à prática do mesmo erro.

Mas não é apenas em Santarém que isso sucede, porquanto de outras localidades sabemos, entre elas Guimarães e Vendas Novas, onde o dia 1.º de Maio vai ser comemorado de forma a dar uma triste ideia da consciência de classe dos respectivos trabalhadores.

Ótimo seria, pois, que a propaganda chegasse ali em breve.

Ainda há operários presos!

No governo civil ainda se encontram presos António da Cruz Fonseca e António dos Santos Pedreirinho, de Boliqueime, que há 20 e tantos dias foram detidos naquela localidade e conduzidos para Faro, tendo dali sido enviados para Lisboa, sob a acusação de bolchevistas, uma cómoda maneira de justificar muitas prisões que ultimamente se tem feito.

Acontece isto mesmo com os camaradas citados, que foram presos por uma vingança dum negociante de Boliqueime, que parece ter lampada accesa nas altas regiões, e que, tendo-os lá mais dum ano ameaçado por não terem votado com ele nuns eleições, encontrou outra ocasião para satisfazer os seus intuitos maus. Tanto assim é que o tal negociante disse que conseguiria pôlos em liberdade se isso lhe pedissem. A população da freguesia da residência dos detidos está indignadíssima, indo até uma comissão a Faro pedir a sua libertação. A situação destes camaradas deve esclarecer-se para que não se prolongue por mais tempo esta arbitrariedade.

—A notícia que ontem publicámos sobre quatro presos que se encontram no forte de Monsanto, e que são Raúl da Purificação, pintor da construção civil; Joaquim dos Santos, serralleiro; Possidónio da Silva, quinzeleiro; e Eduardo Figueira, electricista, temos acrescentar que, apesar de ter sido dada ordem para serem soltos todos os indivíduos presos por motivo dos últimos acontecimentos sem culpa formada, ainda ali se conservam, procurando por todos os processos acusá-los de vários, quando eles provam que são trabalhadores!

Quando se resolverão terminar com tanta iniquidade?

—No calabouço n.º 5 do governo civil está Joaquim Cândido da Silva, brocante, sócio da Secção do Alto da Pina, preso há quinze dias.

—No grupo B, da cadeia do Limoeiro, encontra-se preso o camarada António Nunes Cânia, que no dia 21 de Março fôra detido em Almeirim, às ordens do administrador de Alpiçara. Este camarada, um dos bons elementos operários, é acusado de agitador e de bolchevista e está entregue à 1.ª divisão do exército.

Como o pensar livremente constitui um dos maiores crimes nesta sociedade de verdadeiros criminosos, não nos admira que estes atirem para as modernas bastilhas os que lhes apontam os erros e as patifarias.

A revolução na Sérvia?

Os grevistas abastecem os austríacos

BELGRADO, 29. — Comunicam ao «Bureau de la Presse» que a pedido do governo austríaco, os ferroviários comunistas em greve, consentiram guiar os comboios através do nosso território, a fim de abastecer os austríacos e aprovisionar Viena. —Rádio.

Combatendo a revolução

BELGRADO, 29. — Dizem de Soubertitas ao «Bureau de la Presse», que há o maior sossego e tranqüilidade na cidade. Todas as classes sociais se uniram para combater a revolução, tendo um representante das autoridades agradecido à população a sua atitude patriótica. Foram presos vários chefes do movimento. —Rádio.

Os ferroviários retomam o trabalho?

BELGRADO, 29. — Os grevistas ferroviários retomaram o trabalho. Nas linhas de Sudbain, está normalizado o serviço. A Belgrado chegam comboios de várias procedências, saindo outros para diversos pontos. —Rádio.

CONFERENCIAS

Universidade Popular Portuguesa. — Realiza-se hoje, pelas 13 horas, no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina, a 8.ª lição do curso de anatomia para as classes populares dirigida a pedido da Universidade Popular, pelo ilustre professor Henrique de Vilehna. A lição de hoje, pelo sr. dr. Alvaro Colaco, versará sobre *veias e linfáticos*.

Os recursos da Rússia

Já há então mais optimismo?

PARIS, 29. — A questão dos recursos económicos a tirar imediatamente da Rússia dos soviets, é dominada pelo estado dos caminhos de ferro na Rússia. As informações contraditórias são postas em circulação a este respeito, segundo dimanam, ou não, dos partidários de Lénine ou Trotsky.

Impõe-se, então, que se precisem os factos.

O material russo está evidentemente estragado.

O número total de locomotivas aptas para qualquer serviço não deve ultrapassar 5.000. Talvez esta cifra seja mui elevada. A maior parte destas máquinas são provavelmente locomotivas a mazoni (produtos sucedâneos do petróleo e da benzina) de tipo americano; as locomotivas a madeira e sobretudo as locomotivas a carvão estão todas fora de uso, em consequência dos frequentes concertos que precisam e não recebem.

Os vagões ordinários para passageiros estão, na maioria, inutilizados há muito tempo. Mas os vagões do trem imperial, os diversos vagões especiais, pertencentes aos ex-dignitários do antigo regime, os vagões-leitos e restaurantes da Companhia Internacional dos Grandes Expressos Europeus, ainda existem e estão reservados, conforme um escrupuloso protocolo, para os comissários do povo, para o ministro das vias e comunicações, para o presidente do conselho superior, etc.

Um certo número de vagões de mercadorias foram destinados para transportar mercadorias, e os melhores estão em serviço nas linhas da Sibíria, donde veem agora os abastecimentos para Moscovo.

A via férrea é reparada em toda a sua extensão, porque os empregados, homens pacíficos, ficaram na generalidade fora das lutas políticas, cuidando «as suas linhas» sem se apoucar com «brancos», «vermelhos», ou «verdes». Foi unicamente nas grandes ligações que se constatam certos desarranjos, em consequência dos combates que ali se travaram.

As reparações do material fazem-se menos mal.

As mais importantes efectuam-se nas oficinas de Igoussk (rede de Kazau). O ferro e o aço necessários para estas obras faltam muitas vezes, pois os bolchevistas abastecem de preferência em metal as suas manufacturas de armas em Toula, encarregadas de produzir 15 a 20.000 espingardas por mês, e 2.000 metralhadoras.

Em suma, a situação dos caminhos de ferro russos não parece tão pessimista como alguns pretendem. Aferre-se na administração das vias férreas uma certa vontade de organização, apesar das actuais dificuldades da tarefa.

E, que desde a subida ao posto de ministro das vias e comunicações, Trotsky teve de rodear-se de especialistas. Assegurou-se especialmente da cooperação do engenheiro Lomanosov, distinto inventor de um tipo de locomotiva a vapor sobreeletrificada.

Notemos que Trotsky, esforça-se actualmente por pôr em estado de trabalhar os canais e por reconstruir a flotilha mercante fluvial. —Rádio.

O conflito gráfico

Entre os quadros tipográficos e algumas empresas jornalísticas. A comissão executiva tem analisado detidamente todos os esforços das empresas para conseguirem o fracasso da classe, os quais tem resultado nulos.

Requisitou esta comissão que as empresas jornalísticas recorressem ao governo para o envio de militares-tipo-grafos, para a oficina dum jornal contrário à política republicana, a fim de manufacturarem um órgão dessas mesmas empresas, o que é a plica a completa negação da «liberdade de trabalho» a pressão e a obediência à disciplina, sobre os assalariados do governo, em favor das empresas particulares.

A Comissão Executiva reúne hoje, pelas 12 horas, a fim de dar andamento aos trabalhos apresentados na última semana.

Tendo o sr. Pedro Muralha, director de *A Vanguarda*, afirmado publicamente que sobre o quadro tipográfico do seu jornal tem sido exercida coacção, publica-se o seguinte documento assinado, em 15 do corrente mês, pelo referido quadro, o qual destrói inteiramente semelhante asserção:

«O quadro tipográfico do jornal *A Vanguarda* declara não tratar com a empresa, sem esta ouvir a Comissão Pró-Aumento de Salário, junto da Federação do Livro e do Jornal.

«Mais declara, tã por cento, pois que deseja ver implantada a Organização de Trabalho, apresentada pela Federação do Livro e do Jornal. —Victor Augusto Neves, Manuel Rodrigues Cristóvão, Luciano Belém, Henrique Infante dos Santos Monteiro, Delmiro Júlio Pires».

Um novo Estado?

BERLIM, 29. — O parlamento decidiu autorizar a União entre Coburgo, república alemã, e o conjunto de repúblicas de Turingia, formando todas um só Estado de futuro. —Rádio.

"Bandeira Vermelha,"

Reaparece esta semana este nosso colega que esteve suspenso em virtude de acontecimentos.

1.º DE MAIO

As manifestações de amanhã

Em Lisboa e na Província

E' o 1.º de Maio uma das datas mais memoráveis para o mundo do trabalho, a qual se impoz, não só pela sua tradição revolucionária, que a estupidez e a maldade da burguesia americana conseguiu fazer arrigar no coração do povo trabalhador, pela hediondez do seu crime de Chicago em 1887, como também pelo constante desenvolvimento da organização sindicalista, que cada vez mais vai progredindo, orientando os seus passos firmes e decididos para a conquista duma sociedade sem senhores nem escravos.

Em Portugal, essa data não passa de forma alguma despercebida, afirmando-se a organização operária com dignidade e firmeza na propaganda das ideias e tática sindicalistas, tudo fazendo prever que, apesar de tantas perseguições, a quasi totalidade das classes paralizarão, dando um cunho muito especial à manifestação deste ano.

EM LISBOA

União dos Sindicatos Operários

A U. S. O. fará distribuir profusamente, amanhã, o manifesto que noutro lugar publicamos e no qual é convidado o proletariado de Lisboa a abandonar o trabalho e a assistir ao comício que deve realizar-se nos terrenos do Parque Eduardo VII, comício que tudo indica ser numerosamente concorrido.

Ontem realizaram-se, a convite da U. S. O., sessões em vários sindicatos, tendo ido a essas sessões delegados directos daquele organismo.

A U. S. O. recorda aos sindicatos de Lisboa a matéria da moção aprovada a reunião de direcções do passado domingo, pelo que ela tem de importante para a organização operária.

No comício, que será aberto pelo secretário geral da U. S. O., falarão, além do secretário geral da C. G. T., delegados das Federações de Indústria e dos Sindicatos Únicos de Lisboa.

Empregados da Carris de Ferro

Na sua assembleia geral ontem realizada, os empregados da Companhia Carris de Ferro deliberaram, por unanimidade, paralisar o trabalho amanhã, comemorando a passagem do 1.º de Maio, correspondendo assim a classe, nas duas sessões efectuadas respectivamente às 9 e 21 horas, ao convite da U. S. O., cuja moção aprovou, depois de ouvidos os delegados Carlos de Araújo e José dos Santos, tendo sido nomeados delegados ao comício os camaradas Cláudio dos Santos e Armando Martins.

Caixeiros de Lisboa

Comemorando a data do 1.º de Maio a Associação de Classe dos Caixeiros convida os empregados no comércio a não trabalharem amanhã, solidarizando-se assim com a classe operária.

Pelas 21,30 realiza-se na sede sindical uma sessão de propaganda.

Descarregadores de Mar e Terra

Este sindicato, em assembleia geral de ontem, votou, por unanimidade, a seguinte moção:

«Considerando que o 1.º de Maio é consagrado à fraternidade universal e contra as prepotências das classes capitalistas às classes trabalhadoras;

Considerando que a U. S. O., a qual este organismo é aderente, apela para que todos os trabalhadores abandonem o trabalho neste dia como demonstração de solidariedade; a classe dos Manufactores de Calçado, reunida em assembleia geral, resolve:

1.º Não trabalhar no dia 1.º de Maio;

2.º Fazer a máxima propaganda para que a classe compareça em massa no comício público que se realiza no Parque Eduardo VII, às 15 horas.

Operários encadernadores

A direcção do sindicato dos operários Encadernadores e Anexos, na sua reunião de ontem, apreciando o alto significado que tem para o povo trabalhador a comemoração do dia em que o grito de revolta dos escravos ecoou por todo o mundo, resolveu convidar todos os componentes deste ramo de indústria a abandonar o trabalho no dia 1.º de Maio, e a tomar parte no comício promovido pela U. S. O., engrossando assim as fileiras daqueles que querem libertar-se do jugo capitalista.

Operários alfaiates

Passa amanhã um dia de triste memória para as classes operárias, devido a comemorar-se o vil assassinato dos nossos camaradas de Chicago, mas feliz na lembrança, pois que é sintética o começo da luta do Trabalho contra o Capital.

Não pode, pois, ficar o proletariado indiferente perante este dia e, sendo assim, a direcção lembra à classe em geral o dever que tem de abandonar o trabalho e assistir ao comício que amanhã se realiza no Parque Eduardo VII, cumprindo desta forma as resoluções da U. S. O., as quais a nossa assembleia geral aprovou na passada segunda-feira.

Necessário se torna que no momento que atravessamos mostremos aos nossos exploradores que alguma coisa pretendemos e mostrar-lhe-emos a nossa

Na Paredre

A Associação de Classe da Construção Civil e artes correlativas de Paredre e arredores realiza no dia 1.º de Maio, pelas 16 horas, na sua sede, uma sessão comemorativa, para a qual convida todas as associações dos concelhos de Cascais e Oeiras a fazerem-se representar. Falará nesta sessão um delegado da Confederação Geral do Trabalho.

NO ESTRANGEIRO

Em Londres

LONDRES, 28. — A Federação dos Ferroviários resolveu não deixar de trabalhar no dia 1.º de Maio e os ônibus e eléctricos também não deixarão de circular. —H.

Em volta de "A Batalha,"

A organização da construção civil aprovou ultimamente a seguinte moção, de franco apoio à *Batalha*:

«Considerando que a classe trabalhadora não se pode organizar sem ter um jornal seu;

Considerando que já temos o jornal *A Batalha*, que é o nosso órgão e muito bem se tem desempenhado da sua missão;

Considerando que o mesmo jornal se encontra em estado periclitante;

Considerando ainda que é à classe trabalhadora que compete sustentar o seu órgão;

Considerando finalmente que seria um crime que nós praticásemos se não sustentássemos o nosso órgão na imprensa;

As direcções dos Sindicatos reunidas a convite da U. S. O., resolvem:

1.º Contribuir cada sindicato mensalmente, de per si, com o que lhe for possível.

2.º Lançar a cada associado a cotização de 5 centavos por mês, cobrada directamente pelo Sindicato».

Em face das resoluções tomadas, a Federação previne todos os Sindicatos aderentes e suas Secções de que devem convocar as suas assembleias gerais, a fim de prevenir e aprovar que todos os associados contribuam com 5 centavos por mês a favor de *A Batalha*.

Vida cara e difficil

Modêlo de cooperativismo

Apeaz das contínuas tentativas realizadas pela classe trabalhadora no intuito de promover o barateamento da vida, a verdade é que a prática tem demonstrado que a maioria das cooperativas de consumo, nas condições que veem funcionando, em nada resolvem a questão.

Vem a propósito dizer que os largos e tantas vezes reclamados benefícios que se diz prestar ao pessoal da Imprensa Nacional a sua cooperativa, não são verdadeiros, pois que a citada cooperativa geralmente não tem os indispensáveis géneros, e quando os vende os mais caros do que estabelece a tabela oficial ou se vendem no mercado. Ainda há pouco tempo, para que o feijão e o arroz fossem vendidos ao preço da maioria dos associados fizesse uma *torres* representação ao gerente. Agora a cooperativa acaba de pôr azeite à venda ao preço de 1320, quando deveria ser vendido a 900, em harmonia com a tabela do mercado. Os sócios que vejam bem se foi para isto que se fez uma cooperativa que, apesar de ter um regular auxílio do Estado, não vem de sequer os géneros ao preço do mercado.

NOTAS & COMENTARIOS

A voz do povo...

Ouvimos ontem, num eléctrico, a duas pobres mulheres, a quem as súbitas medidas dos nossos governantes devem ter feito criar muitos cabecinhos brancos, se mais não fossem os comentários sobre o ajio escandaloso de antontem no parlamento.

Uma delas, à guisa do golpe final, exclamava triunfante: Sim, os operários fazem greves, porque a vida está cara e insuportável, mas os políticos atacam-se até à ponta dos cabelos nas porceiras mais ignóbeis, prejudicando a vida do povo que trabalha e a quem ainda por cima chamam vadio.

Quantos?

Certamente já os leitores repararam naquela exquísita ideia, materializada aliás com pouco êxito, duma parte das empresas jornalísticas de Lisboa ter botado à publicidade uma folheta com o título de *A Imprensa da Noite*, lançada a público com dois intuitos: o de resistirem a referidas empresas às reclamações dos camaradas que constituem os seus quadros tipográficos e o de apelar aos seus reclames, que afinal de contas aparecem em escassíssimo número.

O mais singular é o título da folheta,

que nos indica que a imprensa burguesa, apesar de se dizer estreitamente unida, está lamentavelmente dividida, porquanto além de *A Imprensa da Noite*, publica-se *O Sêculo* (da noite) e *O Tempo*, o que quer dizer que há então três... impressas vespertinas.

O da guarda!

As Companhias Portuguesas dos Caminhos de Ferro e da Beira Alta, reclamaram junto do governo sobre alguns artigos do lei n.º 952 referentes à aplicação das sobretaxas de 100 por cento.

Naturalmente, ainda acham pouco.

Dão-se a quem adicionar de qual das tipografias do Estado vem de sair alguns compendios e respectivas linhas de compôr, por sinal de bom metal, para ser composta uma das múltiplas Imprensas.

Estará o caso compreendido na cunha expressão Liberdade de trabalho?

EM ESPANHA

O estado de sítio em Oviedo

MADRID, 29. — Prevendo novas desordens em Oviedo, para o 1.º de Maio, o governo declarou desde já o estado de sítio. —H.

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS

Extracções dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.
25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

Isqueiros
Pedras para isqueiros vendem-se no
Largo do Conde Barão, 55, (casa do
queiro à porta).

PAPELARIA
Viuva de Manuel
da Costa Marques
& C^a Limitada

Rua de Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO
DE ARTIGOS PARA ES-
CRITORIO

Capital garantido
É aquele que se empregue

102 Em acções da
COMPANHIA GERAL

**COMPANHIA GERAL
DE CAMIONAGENS**
Cujos material o representa
SOLIDAMENTE
Está aberta a subscrição
para as acções liberadas de
DEZ ESCUDOS
Na sede provisória:
Calçada do Ferregial, 16
:: LISBOA ::

terão a preferência na utilização dos CAMIONS que começam hoje a trabalhar.

**NICOLAU GOMES
CORREA**

Alfaiate-Mercador

Fornecido por
dos Empregados
dos Caminhos
do Ferro Portu-
gueses, do Sul
e Sueste, da
Caiçra dos Ope-
rários da Câmara
Municipal de Vi-
sibanc da Coor-
perativa da Fa-
brica de Mate-
riais de Guerra.
Variado sortí-
mento de lami-
ços para ho-
mens e senho-
ras, padrões à
moda, preços
imitados.

ALFAIATARIA
Especialidade
em fatos, sobre-
tudos, capas
alentejanas
casacos de senhora à confeccora-
dos, tudo pelos figurinos à moda.

255-Rua dos Pauqueiros-255

Obrigatórios

Atres no trabalho

obrigatória do pessoal ao CONSOR-
CIENTA ACIDENTES E RESPONSABILI-

JA SÁ DA BANDEIRA, 222

de Papel
Gois
Sotam-Gois
tidade de papeis de em-

minhos, manteigueliro,
boquiles, escrita, impres-
s e carta, bem como

Special
pautados
ário geral
os REIS

Boa — Telephone C. 4.317
dega, Porto — Tel. 2.192